

Tato e proxêmica: uma reflexão sobre a corporeidade que nos hospeda em tempos de pandemia

Touch and proxemics: a reflection on the corporeality that hosts us in times of pandemic

Tacto y proxémica: una reflexión sobre la corporalidad que nos acoge en tiempos de pandemia

Cleomar Ferreira Gomes¹
Eva Laura Silva Fortes de Carvalho²
Leilane dos Santos Rohleder³

Resumo: O texto que se apresenta como um ensaio traz uma reflexão sobre as obras: *Touch* — o significado humano da pele, de Montagu e *A dimensão oculta* de Hall. Um olhar sobre a importância do toque, do corpo, do distanciamento e da vivência social, em tempos de pandemia, nos traz a lume a importância da falta de toque com pessoas de nosso entorno, colegas e amigos. Faremos um escrutínio das metáforas obsessivas de cada obra, nos apoiando em outros estudiosos da área para compor um diálogo textual que se ambiciona proveitoso perante a real atualidade (Covid-19). A escolha das obras se deu por base na composição de fundamentação teórica dos estudos do Grupo de Pesquisa sobre Corporeidade e Ludicidade, que investiga o grau de importância dos conteúdos e das formas do saber corporal, estimulado por questões objetivas e intersubjetivas que se mostram em marcas de uma gramática corporal, a partir de estudos e pesquisas, em desvelar as linguagens do espaço escolar, atinentes a esse saber corporal e às práticas lúdicas, bem como de outras vocações que circunscrevem ou ladeiam o labor escolar, numa perspectiva socioantropológica, agora, com mais vigor, nos espaços domésticos de nossas estadas obrigatórias.

Palavras-Chave: *Touch*. Corpo. Proxêmica. Distanciamento social.

Abstract: The text, which is presented as an essay, brings a reflection on the works: *Touch* — the human meaning of the skin, by Montagu, and *The hidden dimension*, by Hall. A look at the importance of touch, the body, distance and social experience, in times of pandemic, brings the importance of the lack of touch with people around, colleagues and friends. We will scrutinize the obsessive metaphors of each work, relying on other scholars in this field to compose a textual dialogue that means to be useful in the face of real news (Covid-19). The choice these works was based on the theoretical foundation, composition of the studies of the Research Group on Corporeality and Playfulness, which we dedicate ourselves to investigate the degree of content importance and forms of corporal knowledge, stimulated by objective and intersubjective questions that show themselves in marks of a body grammar, from studies and research, in unveiling the languages of school space, related to this corporal knowledge and to the playful practices, as well as other vocations that circumscribe or flank the school work, in a socio-anthropological perspective, now, with more vigor, in the spaces of our stays mandator.

Key words: *Touch*. Body. Proxemic. Social distance.

Resumen: El texto que se presenta como ensayo trae una reflexión sobre las obras: *El tacto* — el significado humano de la piel, del Montagu y la dimensión oculta del Hall. Una mirada a la importancia del tacto, el cuerpo, el distanciamiento y la experiencia social, en tiempos de pandemia, saca a la luz la importancia de la falta de contacto con las personas de nuestro entorno, los compañeros y amigos. Realizaremos un escrutínio de las metáforas obsesivas de cada obra, apoyándonos en otros estudiosos del campo, para crear un diálogo textual que se ambiciona sea de provecho ante la realidad actual (Covid-19). La elección de los trabajos se basó en la fundamentación teórica

¹ Dados. ORCID:. E-mail:.

² Dados. ORCID:. E-mail:.

³ Dados. ORCID:. E-mail:.

de los estudios del Grupo de Investigación en Corporeidad y Ludicidad, que investiga el grado de importancia de los contenidos y de las formas del saber corporal, estimulado por preguntas objetivas e intersubjetivas que se manifiestan en marcas de una gramática corporal, a partir de estudios e investigaciones, develando los lenguajes del espacio escolar, relacionados a ese saber corporal y con las prácticas lúdicas, así como de otras vocaciones que circunscriben o rodean la labor escolar, en una perspectiva socioantropológica, ahora, con más vigor, en los espacios domésticos de nuestras estancias obligatorias.

Palabras clave: Tocar. Cuerpo. Proxêmica. Distanciamiento social.

1 Introdução

O amor e a humanidade começam onde começa o toque: no intervalo de poucos minutos que se seguem ao nascimento. (Ashley Montagu).

No mundo ocidental, sempre que um corpo ocupa um espaço social, esse suscita uma necessidade de toque. Seja por vias remotas ao utilizar a audição ou a visão, seja pelas vias da intimidade, quando os abraços e apertos de mãos são a porta de entrada na vida da conversa. Será que as pessoas se tocam o suficiente? Certamente que não. Se temos “fome de pele”, essa metáfora se torna diligente, porque, sobremaneira em tempos de isolamento social, como o que estamos vivendo agora, parece existir uma perda daquilo que aguardamos e desejamos: tocar, abraçar, aconchegar, aninhar... condutas que se aprende e se incorpora na infância do *Homo sapiens*.

A pele, considerada como o maior órgão do corpo, por Ashley Montagu, até pouco tempo foi esquecida e negligenciada. Esse especialista do assunto, dedicou-se por décadas ao estudo de como a experiência tátil ou sua carência, afetaria o desenvolvimento do comportamento humano.

A linguagem dos sentidos, em que podemos ser socializados, é capaz de acrescer nossa valorização do outro e do mundo em que habitamos. Tocar, título e denominação de sua obra admirável, se sustenta como solo paradigmático na ambição de proximidade, como descrito neste

artigo. Mas é Edward Hall, com seus estudos sobre a proxêmica⁴, que faz uma análise de como as pessoas gostam de criar uma metáfora de invisibilidade, ou uma “bolha de isolamento” para se ofuscarem ou se esconderem das pessoas de seu entorno. Com tapumes para tal proximidade o indivíduo se encaminha no sentido oposto do ajuntamento social.

Seria difícil imaginar um estudo como esse sem a presença elegante de Hall, que foi o pioneiro nos estudos da comunicação intercultural. Analisando o termo, pode-se imediatamente perceber quão importante são as teorias dele para a área. A maioria das teorias interculturais estão no campo da comunicação não verbal que para Hall (2005), comportamentos não verbais incluem expressão facial, movimento e proximidade, entre outras.

Em sua obra “A dimensão oculta”, Hall procura oferecer um esquema para o espaço como sistema de comunicação, que ao nosso juízo se conjuga com o “Tocar”, de Montagu, evidenciando essa disparidade das ações dos seres humanos que se apresentam em três dimensões;

1. Dimensão real biológica, reproduzir, sentir, tocar...
2. Dimensão psicológica, desejos, dor, sentimentos íntimos e alheios...
3. Dimensão simbólica, que só os animais superiores sentem (Gorilas, Chimpanzés, Homo sapiens) o simbolismo numa linguagem humanamente social se dá por celebrações de eventos (nascimento, casamento e morte); eleição de objetos: a cruz dos cristãos representa o Cristo imolado para a redenção de suas culpas, a própria criação da cultura que é um caldeirão de símbolos.

Com as palavras de Hall (2005, p. IX-X): “por serem independentes em relação a linhas disciplinares, não se limitam a um campo ou público particular”. Essa falta de orientação disciplinar pode decepcionar “leitores em busca de respostas fáceis e também os que desejam encontrar tudo classificado em termos de conteúdo e ocupação”. As respostas fáceis e rápidas não virão, sem antes um escrutínio vagaroso do leitor nesse andurrial de conceitos que circunda todo esse universo chamado corpo.

⁴ Conjunto de observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico.

2 **Pele: tecido que nos conecta com o mundo**

Órgão vital que cobre o corpo e extensamente envolvido no crescimento e desenvolvimento do organismo, não só em nível físico, como também no comportamental, a pele é o maior sistema de órgãos visíveis ao meio ambiente, sem ela a sobrevivência seria inexistente. O antropólogo francês David Le Breton, (2012) gosta de repetir em seus estudos que toda “existência é corporal”, mesmo que essa se processa numa metáfora.

Considerado o mais antigo e o maior órgão do corpo, a pele possibilita que o organismo aprenda, descubra, associa e memorize o que é o seu ambiente. Este extraordinário tecido, registra a passagem do tempo, editando marcas da existência de uma vida toda. Assim, adotamos a ideia de que este invólucro é ininterrupto e flexível, quando nos permite criar relacionamentos humanos. Com as palavras do próprio Montagu:

A pele, como uma roupagem contínua e flexível, envolve-nos por completo. É o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor. O corpo todo é recoberto de pele. [...] Na evolução dos sentidos, o tato foi, sem dúvida, o primeiro a surgir. [...] A pele é o maior extenso órgão do sentido de nosso corpo e o sistema tátil é o primeiro sistema sensorial a tornar-se funcional em todas as espécies até o momento pesquisadas — humana, animal e aves. (MONTAGU 1988, p. 21- 22).

Há uma quantidade enorme de sensores armazenados na pele, o que lhe dá a competência de captar estímulos táteis de dor, pressão, e as condições térmicas. Sendo o mais primitivo dos sentidos o tato talvez seja o primeiro guia influente entre o ser humano e o mundo exterior.

O sistema nervoso central e a pele possuem uma íntima conexão, ambos se originam da ectoderme.⁵ Dessa forma, o sistema nervoso central tem como principal função manter o organismo informado do que se passa fora dele. Esta elucidação levou Montagu (1988, p. 23) a seguinte observação: “Portanto, o sistema nervoso é uma parte escondida da pele, ou ao contrário,

⁵ A ectoderme é a mais externa das três camadas de células embrionárias. As outras duas camadas do embrião são a mesoderme e a endoderme. A ectoderme consiste em geral envolver todo o corpo embrionário. Ela se diferencia em cabelos, dentes, e nos órgãos dos sentidos, ou seja, em tudo que acontece fora do organismo.

a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso”. Em diferentes partes do corpo este incrível e dinâmico tecido modifica em diversos aspectos quanto à temperatura, textura, flexibilidade, cor, odor e inervação. Versátil, flexível e mutável ela exerce algumas funções pertencentes ao “plano físico, fisiológico e metafórico”.

No plano físico ela é o pilar dos receptores sensoriais, responsáveis por informar e captar estímulos de toque, pressão, dor, frio e calor. É fonte imunológica de hormônios e reguladora de temperatura, assim, como sintetizadora de vários compostos inclusive a vitamina D. Também é responsável pelas funções fisiológicas pela veracidade de receber não só os sinais que nos chegam desde o meio ambiente, como ainda capta sinais de nosso mundo interno. Diversas mudanças na fisiologia da pele acontecem na área das relações humanas como por exemplo: se arrepiar ao ouvir uma música, se emocionar em uma peça de teatro, ficar enrubescido ou com sudorese em situações de vergonha, medo, dor, ansiedade, paixões e expectativas.

O *Homo sapiens*, um produtor de símbolos, se serve da pele para produzir suas metáforas na forma de expressões do cotidiano. Na sociedade moderna, há uma visão de que esse órgão, prenhe de afetos e especificidades, constitui uma partitura de expressões que preenchem a comunicação das sociedades em ato: aqui carece de “um toque profissional”, há pessoas que “têm tato”, tudo bem, mas faltou aquele “toque feminino”, ou quando diz que está com os “nervos à flor da pele”.

Diante das funções que este manto cobre, podemos dizer enquanto sistema sensorial, que a pele é o sistema de órgão mais importante do corpo para o desenvolvimento e sobrevivência do ser humano. Montagu arremata, dando destaque as suas funções desempenhadas no corpo:

O ser humano pode passar sua vida toda cego, surdo e completamente desprovido dos sentidos do olfato e do paladar, mas não poderá sobreviver de modo algum sem as funções desempenhadas pela pele [...] entre todos os sentidos, o destaque absoluto recai sobre o do tato”. (MONTAGU 1988, p. 34).

A estimulação tátil da pele pelo ambiente externo auxilia na preservação tanto do tônus sensorial quanto do motor. Com a finalidade de efetuar os ajustamentos básicos em respostas aos dados captados, o cérebro necessita ser realimentado por informações proveniente da pele. Esta fisiologia nos faz refletir que tipos de estimulação da pele são necessárias ao desenvolvimento saudável do organismo, tanto física quanto comportamental e quais efeitos, se é que existe, da

falta de ou insuficiência de certos tipos especiais de estimulação da pele principalmente, no início da vida.

3 Tocar e sentir

Após o nascimento, a pele é convocada a participar de uma zona de experiências e adaptações inteiramente novas, para vincular-se no meio ambiente atmosférico e social. A criança quando nasce, revela o quanto é dependente ao nascer. Este estado é igualmente denunciado por sua imaturidade bioquímica e fisiológica. Em virtude dessa fragilidade dentre as mais importantes necessidades do recém-nascido, estão os sinais que ele recebe pela pele — seu primeiro meio de comunicação com o mundo externo. Por intermédio desta percepção primária, a criança passa a participar de uma nova dimensão da experiência corporal: o gosto da “carne” do mundo, para ficar próximo de uma expressão de Richard Sennett (2008)

Essa fonte essencial se torna uma estabilidade de conforto, segurança, calor, e tendência para novas experiências, dado que o contato corporal é fundamental para o desenvolvimento humano.

O Quarto Capítulo da obra de Montagu (1988), intitulado “Cuidado terno, amoroso”, revela diversas pesquisas realizadas por médicos pediatras, psiquiatras, terapeutas, nutricionistas e outros estudiosos sobre o acolhimento e a privação do toque na primeira infância. Dados apontaram evidências experimentais que existem diferenças bioquímicas, significativas entre os seres humanos que se beneficiaram de um ambiente com estimulação tátil adequada e os que não o tiveram.

Crianças privadas do toque, que não são aconchegadas, e não recebem limite físico tátil e térmico, podem desencadear carências afetivas, defeitos de fala, retardamento mental, peso e altura diminuídos, dificuldade da percepção do eu, do outro, sérios problemas de relacionamentos, além de déficits endocrinológicos, fisiológicos, imunológicos e também a morte. Um relato fascinante a esse respeito, foi o que aconteceu no século XIX, uma grande quantidade de bebês morreu durante o primeiro ano de vida em diversas instituições e orfanatos, nos Estados Unidos, geralmente de marasmos, palavra grega que significa murchar. A doença era conhecida também como atrofia ou debilidade infantil. Em pesquisas realizadas após a

Segunda Guerra Mundial, ficou evidente que a causa do marasmo estava relacionada à falta de amor e no tocar as crianças. Como expressou o anatomista Ashley Montagu:

“De 200 bebês recebidos em diversas instituições, quase 90% morreram em menos de um ano. Os 10% de sobreviventes resistiram, segundo seu depoimento, aparentemente porque eram removidos das instituições por breves períodos e colocados aos cuidados de pais adotivos ou parentes. Reconhecendo a aridez emocional para criança, o Dr. Chapin introduziu o sistema de externato para os bebês do orfanato, ao invés de deixá-los definhando nos sepulcros em que se haviam transformado aquelas instituições”. (MONTAGU 1988, p. 105).

É possível perceber que a disponibilidade corporal do adulto para o contato, promove segurança e afetividade. Evidentemente, é a qualidade da estimulação cutânea que transmite esta mensagem de confiança, e esta é elaborada com base numa complexidade de fatores como pressão, ritmo, duração, intensidade, firmeza e outros fatores semelhantes.

A obra de Montagu nos faz erigir que o cuidar de uma criança, não se dá somente nas necessidades de higiene e alimentação.

[...] para a criança se desenvolver bem, ela deve ser tocada, levada no colo, acariciada e aninhada nos braços; deve-se falar com ela carinhosamente [...]. É o toque das mãos do colo, as carícias, os cuidados, a proteção dos braços que queremos enfatizar aqui, pois parece que, mesmo na ausência de muitas outras coisas estas são experiências essenciais de tranquilização [...] para que possa viver dentro dos parâmetros da saúde. O ser humano pode sobreviver a privações sensoriais extrema de outra natureza, como a visual e a sonora, desde que seja mantida a experiência sensorial da pele. (MONTAGU 1988, p. 106).

O entendimento mútuo que se realiza entre a criança e o adulto, na troca de olhares e na conexão corporal, fornece sentido, proporcionando experiência dialógica. Nesse cenário, cria-se uma rede de ações, muitas vezes sem palavras, porém mobilizadora de contato e produtora de sentidos. À medida que esses encontros vão acontecendo, as trocas possibilitam à criança aprender sobre si e sobre o outro, a partilhar afetos, a se relacionar com diferentes figuras de referência, e aprender sobre a sociabilidade.

4 Contato e cultura

As experiências táteis são necessárias ao desenvolvimento comportamental saudável do indivíduo. A impossibilidade de recebê-las de forma adequada, resulta numa impossibilidade

crítica de estabelecer relações de contato com outras pessoas. Porém, dependendo do ambiente cultural de acesso, estas experiências produzem distintas representações simbólicas, assomadas aos elementos da cultura: costumes, tabus, rituais e crenças, numa influência importante da impressão do toque.

É o próprio Montagu que enfatiza: da infância à velhice necessitaremos do toque para estabelecer relações de sobrevivência. Em geral, enquanto a cultura recomenda as experiências socializadoras comuns, as quais os indivíduos serão expostos, diferenças singulares dentro de cada família podem distanciar-se consideravelmente ou não, sobretudo dos modos prescritos de comportamento.

Há famílias que ocorrem uma grande taticidade, há outras dentro dessa mesma cultura, em que o contato tátil é ínfimo, inclusive entre mãe e filho e entre todos os elementos da família. Há culturas em que a taticidade é de tal forma o modo de se viver, em que braços, carícias e beijos são tão constantes, que para povos não-táteis isto parece estranho e embaraçoso. Como muito se assemelha ao primeiro capítulo da obra de Edward Hall “A cultura como comunicação”, citamos outra obra de Edward Hall: “The Silent Language⁶”, interculturalista que é quando aborda as diferentes maneiras dos seres se portarem de acordo com a cultura territorial. Neste mesmo sentido ele apresenta duas categorias para apreciar o tempo e a tolerância tátil de acordo com cada cultura/território, a exemplo: o tempo policrônico, que é baseado no desempenho de várias atividades ao mesmo tempo, e o tempo monocromático, que se baseia em uma atividade de cada vez, isto é, planejar todas as atividades com antecedência para evitar perda de tempo.

Montagu descreve que cada lugar tem suas singularidades de lidar com a taticidade e é por causa dessas diferenças, nos traços de experiências táteis presentes em cada família, tal qual as prescrições impostas em sua maioria por culturas em especial ou fragmentos da mesma, que “indivíduos e povos” se diferenciarão comportamentalmente em muitos sentidos fundamentais. A necessidade é universal em qualquer povoado se diferenciando conforme o tempo e o lugar: o tato é fundamental para o desenvolvimento saudável do comportamento das pessoas e sua

⁶ Em *The Silent Language* (1959), Hall desenvolveu o termo *policronia*, para descrever a capacidade de participar de vários eventos simultaneamente, em oposição aos indivíduos e culturas "monocrônicas" que tendem a lidar com eventos sequencialmente.

privação pode resultar em inadequações comportamentais futuras. Seja como for, as pesquisas demonstradas nesta obra nos mostram que nenhum organismo consegue sobreviver por muito tempo sem estimulação cutânea⁷ de origem externa.

Em A dimensão oculta, o primeiro fascínio acadêmico de Hall, envolveu tempo e espaço. Ele percebeu que pessoas de diferentes culturas utilizam o tempo e o espaço de maneira distinta. Todas as obras de Hall tratam da Estrutura da experiência como é moldada pela cultura: aquela experiência profunda, comum, que não se expressa, compartilhada por membros de uma determinada cultura, que eles comunicam sem saber que o fazem, e que forma um pano de fundo em relação ao qual todos os outros acontecimentos são validados.

Hall definiu três tipos de manifestações de cultura⁸: 1) Infracultural, que está radicada no comportamento do passado biológico do homem, como os sintomas que são repassados para o corpo de um filho pela genética dos pais. Nós sabemos o que é uma casa porque temos uma, porque na cultura em que nascemos, advém de informações ocultas guardadas em nosso gen. 2) Pré-cultural, que é voltada para a fisiologia e, por isso, relacionada ao funcionamento do corpo no momento presente e como o mesmo está perante o meio em que vive. A exemplo: as extensões que o homem criou para o seu corpo dito anteriormente (carregar as informações antes da construção). 3) Microcultural, onde se realizam as observações da proxêmica. Exemplo: (cada povo com sua cultura alimentar, com seus costumes e trejeitos, e religiosidades).

O primeiro fascínio acadêmico do autor envolveu tempo e espaço. Ele percebeu que pessoas de diferentes culturas utilizam o tempo e o espaço de maneira distinta. Todas as obras de Hall tratam da Estrutura da experiência como é moldada pela cultura: aquela experiência profunda, comum, que não se expressa, compartilhada por membros de uma determinada cultura, que eles comunicam sem saber que o fazem, e que forma um pano de fundo em relação ao qual todos os outros acontecimentos são validados.

⁷ A estimulação cutânea pode assumir inúmeras formas, como as de temperatura ou radiação, estimulação líquida ou atmosférica, pressão e outros.

⁸ Para que a cultura possa ser vivida, ela precisa de tempo para tomar forma. Noutras palavras a Cultura é a extensão da natureza, é tudo aquilo que precisa de artifícios (arte).

5 Contato e contágio

É vigorosa a necessidade que nós temos de contato corporal. Em tempos de isolamento social por conta da pandemia do coronavírus (Covid-19) em que a privação do toque, do abraço se manifesta como gesto de afeto ao outro, estamos a cada dia reinventando estratégias para substituir os abraços e apertos de mãos por outros modos de comunicar o afeto. Mas, embora necessária essa nova etiqueta em nada ela substitui o toque. A nossa comunicação é corpórea, com outra palavra (é carnal) como enuncia o antropólogo francês David Le Breton (2012).

Nesse tempo pandêmico, a privação do toque vem causando alguns efeitos fisiológicos, psicológicos e comportamentais nas pessoas. Daí ser importante lembra aquilo que Hall diz, quanto às necessidades humanas em que “Existe a necessidade imperiosa de que revisemos e ampliemos nossa visão da situação humana, que sejamos mais abrangentes e mais realistas, no que diz respeito não somente aos outros, mas também a nós mesmos”. HALL (2005, p. 7).

Em uma participação virtual no mês de Junho de 2020 num Seminário o professor Cleomar Gomes declarou que, o ato de tocar e abraçar está ligado à produção de hormônios — neurotransmissores que nos gera sensação de bem-estar, como a oxitocina. “A oxitocina é considerada o hormônio do amor, provocando sensações de prazer, afeto, empatia, confiança, reduzindo a sensação de estresse e ansiedade”. Junto com a dopamina, a serotonina e a endorfina, a oxitocina faz parte do grupo chamado “hormônios da felicidade” afirma o Professor.

Estes hormônios são essenciais para uma melhor vivência social e individual, sem um equilíbrio destes hormônios, entraríamos em um colapso existencial. É de grande valia pensarmos no momento (no sentido de tempo) em que passamos colados à tecnologia, que isso nos ajuda a suprir essa falta de toque, que podemos dizer que estamos nos tocando por olhares, por sons, mas que não significa uma substituição da presença corporal que nós sul americanos, mais especificamente brasileiros estamos acostumados a sentir. A tela dos vídeos de computadores jamais vai substituir o calor do toque das mãos humanas.

Com o avanço do vírus, tivemos que nos adaptar ao novo cotidiano do planeta de uma forma tão veloz que esse novo mundo pandêmico, que somente a tecnologia seria capaz de diminuir esse distanciamento social necessário. Nós Homo sapiens, somos indivíduos que nos adaptamos há qualquer anormalidade (é o que se espera), por mais que pensássemos em passar por uma tormenta sanitária desta magnitude, não seríamos capazes de nos antecipar dos

acontecimentos, pois, como grifo nas palavras de Hall sobre as extensões criadas pelo homem estão:

[...] o ser humano é um organismo com um passado maravilhoso e extraordinário. Ele se distingue dos outros animais graças ao fato de ter criado o que chamei de *extensões* de seu organismo [...] o homem sofisticou suas extensões a um ponto tal, que somos propensos a esquecer que sua humanidade está enraizada em sua natureza animal [...]. (HALL 2005, p. 4).

Ao desenvolver essas extensões, o homem consegue aperfeiçoar ou especializar várias funções: a citar, o computador estende o cérebro e as mãos; o telefone estende a voz, a roda estende os pés, a escada, que faz alusão ao chão que dobra, estende a visão, e a linguagem estende a experiência e pensamento no tempo e no espaço, enquanto a escrita estende a linguagem.

Segundo trecho de uma canção brasileira, da Banda Jota Quest: “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”. Embora nunca vá deixar de existir, em tempos de pandemia este gesto tão humano precisou ser deixado de lado por algum tempo para evitar uma contaminação em massa.

Símbolo reforçador de necessidade humana — o abraço — celebra um encontro corporal em que os contatos aumentam a propagação do vírus, exigindo nesse momento um distanciamento como uma medida de prevenção. Este isolamento é uma situação passageira. Mas por enquanto, na impossibilidade do toque físico íntimo, o que nos resta é a criatividade para inventar outras formas de toque e contato, à distância.

6 A metáfora da invisibilidade

Trazer à tona a “metáfora obsessiva” da proxêmica e “as distâncias no ser humano”, exposto no Décimo Capítulo da obra de Edward Hall, nos atentou ao período de escrita da obra, originalmente em 1966, mas traduzida para o Brasil, somente em 2005. A importância dos estudos de envergadura socioantropológica nos dias atuais, essas obras escritas há tanto tempo, ainda preserva uma linguagem atual, pela reserva atemporal que veicula. Se ainda nos faz pensar no presente, significa dizer que sua importância ainda se mantêm de pé. É preciso reconhecer a necessidade de pesquisas destes estudiosos, para validade nossos nos tempos atuais. Qualquer obra que versa sobre um tema que nunca sai de moda — o toque — sela um rótulo de clássico, ao valor de sua atemporalidade. O ser humano se torna humano, porque sua existência é corporal,

como assevera Le Breton. São nas coisas naturais, mais que culturais como diria Hall, que nossa humanidade se pronuncia. Daí que estudos como esses se valem ad aeternum e certamente servirá às próximas décadas. A pesquisa sobre a proxêmica realizada e apresentada por Hall em suas obras, nos servem para refletir sobre o que a teoria nos proporciona.

Falar sobre a palavra do momento: distanciamento social, nos faz pensar que há certo tempo já vimos exercendo essa conduta. Sobremaneira com a retórica do self nas sociedades modernas⁹. Os aparelhos de comunicação: Ipedes, Iphones e microcomputadores, anexados à violência urbana nos sugerem tapumes para ouvidos. Essa nova tecnologia já produz em si um distanciamento.

Cabe aqui perguntar como será a vida do Homo sapiens — esse bicho que gosta de se abraçar, de tocar o outro — nesse novo mundo até então, por nós desconhecido. A análise de como as pessoas gostam de criar uma metáfora de invisibilidade, ou “bolha de isolamento” para se ofuscarem/esconderem do seu próximo, criando os “tapumes”, se isolando, cataloga a importância da proxêmica na obra aqui apresentada.

Proxemia ou Proxêmica, vem do latim proximus, que é o termo cunhado para a inter-relação entre observações e teorias de uso que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura. Hall descreve o espaço pessoal como sendo uma “bolha” que cada pessoa tem sempre envolta dela mesma. O tamanho dessa bolha varia de acordo com a situação que a pessoa se encontra e com quem ela se interage. Esse espaço pessoal varia de cultura a cultura, onde a proxêmica é apenas uma parte da dimensão cultural, que é sempre oculta, por não ser evidente. Nós seres humanos não paramos para pensar antes de se sentar perto de um estranho, em aeroportos, arenas esportivas... apenas sentamos, porque em nosso subconsciente há uma inscrição que diz que “pisamos o mesmo chão”.

Vamos terminando este ensaio para designar o espaço sensorial que molda a atualidade. Para percebermos o métier desenvolvido por Hall, é preciso observar que o trabalho do autor se torna atual com estudos sobre a distância entre os seres humanos. Isso nos autoriza uma leitura de como variam os comportamentos de acordo com a cultura de cada território. Países em que

⁹ Recomendamos a leitura da obra de Sutton-Smith: *The Ambiguity of play*, 1997, e recentemente publicado no Brasil, em 2017 com o título “A ambiguidade da brincadeira”, pela editora Vozes.

mantiveram uma soberania de respeito, direito de espaço do próximo, conteve o avanço do coronavírus, mais rapidamente, evitando um colapso territorial, sanitário e econômico.

A atual situação sanitária, em nível planetário, nos fizera perceber que o homem com seus prolongamentos visuais, verbais e olfativos, penetra a territorialidade como indicadores (in)visíveis de pertencimento a um determinado lugar.

Com essa condição, Montagu (1988) afirma em sua obra que o tocar dar-se-á consigo às manifestações corpóreas/sentimentais aprendidas desde o início de sua vida fazendo-nos sentir pertencentes a este território.

Para falar da vida adulta, trouxemos o importante experimento de John Calhoun com ratos brancos da Noruega, que no Terceiro Capítulo “Superpopulação e comportamento social em animais”, de A dimensão oculta, pode-se observar que nesta experiência que Calhoun conseguiu distinguir cinco categorias de machos depois do desenvolvimento da “cloaca¹⁰” comportamental, foram eles: o macho dominante e agressivo, passivo, hiperativo, pansexual (que se interessam por sexos diferentes) e os que se recusavam a ter contato de qualquer tipo. HALL (2005, p. 33-34).

Esse experimento sugere uma analogia substituindo os ratos por nós seres humanos. O espaço humano tem por excelência um riquíssimo campo cultural de trocas sociais, mas com a chegada do isolamento social do “eu cuido de você e você cuida de mim”, diversas consequências negativas subservientes ao vírus surgem e degradam o convívio familiar.

O etólogo e pesquisador comportamental John Calhoun realizou esse experimento com ratos, em meados dos anos 50/60, indicando alguns indícios do quão prejudicial pode ser o convívio de muitas pessoas, dividindo o mesmo espaço por um longo período. O também etólogo Konrad Lorenz, citado do Edward Hall para falar sobre a agressividade animal/humana, do uso do espaço de entre indivíduos provenientes afirma que:

A “agressividade” é um ingrediente necessário da vida e para a vida, pois essa “agressividade” dita por ele, demarca o território no habitat animal a modo de que não

¹⁰- Hall apresenta a terminologia *Cloaca comportamental* tomando emprestado de Calhoun a palavra usada em sentido figurado para designar um local de despejo do que é imundo ou não tem mais serventia. E também indicar os enormes desvios de comportamentos que surgiram entre a maioria dos ratos do celeiro de Rockville. HALL (2005, p. 33)

se multipliquem e os destruam. Já na visão humana, a medida em que se acumula o estresse emocional e a paciência se esgota, surgem sutis, mas, eficazes mudanças que diminuem a natalidade e aumenta o número de mortes ocasionando num colapso populacional. (HALL, 2005, p. 6).

Podemos supor que se a “Cloaca comportamental” de Calhoun fosse realizada com humanos, tais distorções resultariam num processo muito elevado de distorção mental diante da situação de aglomeração. Calhoun utiliza o termo *esgoto* para falar sobre esse fator patológico que muito se assemelha ao que vivemos hoje. Se é necessário que haja esse distanciamento social para o nosso bem-estar emocional e sanitário, o que nos impede que façamos da melhor maneira possível?

7 É hora de concluir...

Os estudos sobre a *proxêmica* e o *tocar*, sugerem que praticamente tudo o que homem é está associado ao uso que faz do espaço e à experiência sutil do toque. O sentido que o ser humano tem do espaço nas palavras de Hall (2005, p. 225), é uma síntese de muitos estímulos sensoriais: visuais, auditivos, cinestésicos, olfativos e térmicos, cada um é moldado e configurado pela cultura. Logo, pessoas de culturas diferentes, quando interpretam o comportamento umas das outras, costumam se equivocar na interpretação do relacionamento, da atividade ou das emoções.

Se a tatilidade é uma necessidade básica para que o organismo sobreviva, a estimulação tátil passa ser uma experiência fundamental e necessária ao desenvolvimento hígido do indivíduo. A impossibilidade de receber estimulação tátil em tempos pandêmicos, resulta numa impossibilidade crítica de estabelecer relações de contato com outras pessoas. O que nos sugere pensar que o medo da doença sucumbe à saudade do abraço.

A cultura não se desprende de nós no sentido mais resumido possível das obras. O relacionamento do homem com suas extensões é simplesmente a continuação e uma forma de relacionamento com o outro. HALL (2005, p. 233).

Já Montagu em seus estudos sobre o toque enfatiza que a tatilidade é uma necessidade que temos, é um símbolo reforçador de demonstração de afeto além dos de provimento de segurança através de satisfações de contato com o outro. Este é, portanto, o significado humano de tocar, a presença inevitável da pele.

Referências

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. 6. ed. – Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele** / Tradução Maria Sílvia Moura Netto - São Paulo: Summus, 1988.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2008.

Artigo recebido em: 22/04/2021

Avaliado em: 27/05/2021

Aprovado em: 27/05/2021